

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CORPORAIS
LICENCIATURA EM DANÇA

BRUNA CAMARGO MORAES PINHEIRO

**A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NOS MODOS DE
FAZER, PENSAR E ENSINAR DANÇA NA
CONTEMPORANEIDADE**

**CAMPINAS
2021**

BRUNA CAMARGO MORAES PINHEIRO

**A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NOS MODOS DE
FAZER, PENSAR E ENSINAR DANÇA NA
CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada ao Departamento de Artes Corporais, no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Jussara Corrêa Miller

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Artes
Sílvia Regina Shiroma - CRB 8/8180

P655i Pinheiro, Bruna Camargo Moraes, 1998-
A influência das redes sociais nos modos de fazer, pensar e ensinar dança na contemporaneidade / Bruna Camargo Moraes Pinheiro. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Jussara Corrêa Miller.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Redes sociais. 2. Mídia social. 3. Dança. 4. Entretenimento. 5. Educação. I. Miller, Jussara Corrêa, 1967-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Palavras-chave em inglês:

Social networks

Social media

Dance

Entertaining

Education

Titulação: Licenciada em Artes - Dança

Banca examinadora:

Mariana Baruco Machado Andraus

Angela de Azevedo Nolf

Data de entrega do trabalho definitivo: 15-12-2021

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que fizeram parte ou passaram por mim durante toda a minha trajetória na graduação em Dança pela UNICAMP. Agradeço aos meus pais, Silvia Camargo Pinheiro e Fabio Ronaldo Moraes Pinheiro, por sempre me ajudarem em situações desafiadoras, apoiarem meus sonhos e por acreditarem em mim. Também gostaria de agradecer, o lugar onde morei durante esses anos, a República Faixa de Gatas, meu namorado e melhor amigo Felipe Oleynik. Gostaria de agradecer a todos meus colegas de graduação, em especial Júlia Portugal, pelo compartilhamento de experiências, conhecimentos e dança. Obrigada Igor Gasparini e Flávia Lima por aceitarem participar da minha pesquisa e por me inspirarem tanto. Sou muito grata por ter tido o privilégio de já ter aprendido muito com cada um de vocês. E por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer à minha orientadora Jussara Corrêa Miller. Muito obrigada por acreditar em mim, acolher minhas inquietações e me estimular a pesquisar sobre um tema tão complexo mas muito especial para mim.

RESUMO

Conforme o passar dos anos, com o avanço da tecnologia e da internet, as redes sociais passaram a ocupar um lugar significativo na vida das pessoas na contemporaneidade, afetando, assim, a maneira das pessoas viverem e se relacionarem com o mundo. Em virtude do contexto mundial marcado pela pandemia de COVID-19, esse lugar passou a ser ainda mais evidente em razão da necessidade da maior utilização dos meios de comunicação à distância. Levando em consideração essas duas perspectivas, o presente trabalho tem o intuito de investigar as relações que são estabelecidas entre a influência das redes sociais, mais precisamente das plataformas *Instagram*, *TikTok* e *YouTube*, e os processos de se fazer, pensar e aprender dança. Assim, trazendo a discussão sobre a dança de entretenimento e um panorama sobre os veículos de mídia anteriores ao surgimento dessas plataformas digitais, como a televisão e o jornal. A pesquisa também envolveu estudos de bibliografias da área de comunicação, do jornalismo, e das ciências sociais, as quais dialogam de forma interdisciplinar com as áreas da dança e da educação. Além disso, o trabalho teve como forma de coleta de dados para este estudo: entrevistas abertas com dois grupos A e B, cada um composto por um professor de dança e seus alunos, por meio de encontros virtuais por videoconferência e também a realização de um questionário disponível *on-line* aberto ao público.

Palavras-chave: redes sociais; mídia social; dança; entretenimento; educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1: MINHAS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS <i>ON-LINE</i> E <i>OFF-LINE</i>	8
1.1. Um pouco sobre as minhas experiências	8
1.2. Dois mundos aparentemente inconciliáveis	12
1.3. Estágios: vamos entender os contextos dos alunos?	13
CAPÍTULO 2: Qual a importância de discutir sobre dança e redes sociais?	16
2.1. Alguns objetivos da pesquisa	16
2.2. Por que é importante discutir sobre dança e redes sociais?	16
2.3. Reflexões sobre a influência das redes sociais na dança e aplicação de questionário on-line	23
CAPÍTULO 3: A DANÇA DE ENTRETENIMENTO	31
3.1. O que é dança de entretenimento?	31
3.2. O fenômeno do <i>TikTok</i>	35
CAPÍTULO 4: ENTREVISTAS	38
4.1. Entrevista com Grupo A: Flávia Lima	39
4.2. Entrevista com Grupo B: Igor Gasparini	40
4.3. Sobre os relatos dos alunos dos grupos A e B	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45

INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico e o crescimento exponencial das redes sociais na contemporaneidade são fenômenos que trouxeram inúmeros impactos e mudanças nas formas de viver e de se relacionar no mundo, com o ambiente e as pessoas ao nosso redor. Tendo essa perspectiva como ponto de partida, o presente trabalho busca investigar as relações estabelecidas entre nós, artistas da dança, e nossos alunos com as redes sociais, principalmente as redes *Instagram*, *TikTok* e o *YouTube*. Assim, na tentativa de obter um melhor entendimento sobre essas influências e relações estabelecidas com a dança, o trabalho tratou também de mídias já existentes anteriormente a estas redes sociais, como a televisão e o jornal.

Devido ao caráter ainda emergente e complexo do tema pesquisado, buscou-se um *corpus* bibliográfico que incluiu pesquisas da área da comunicação, do jornalismo e das ciências sociais, dialogando de forma interdisciplinar com a dança.

A metodologia da coleta de dados da pesquisa se deu por meio de dois caminhos: a aplicação de um questionário *on-line* aberto ao público disponibilizado no *Instagram*, por meio do Google Formulários e entrevistas abertas, realizadas com profissionais e alunos da área da dança que utilizam as redes sociais tanto para fins pessoais quanto profissionais. Ambos os métodos passaram e foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP (CAAE: 49329221.5.0000.8142).

Além do embasamento bibliográfico e das duas formas de coleta de dados, o trabalho também tem como objeto de análise, as experiências pessoais e artísticas da própria pesquisadora. Assim, é importante salientar o caráter subjetivo do trabalho, a partir do ponto de vista de uma mulher, branca e de classe média.

O primeiro capítulo trará um pouco sobre as minhas experiências artísticas e pessoais dentro e fora da universidade, com o intuito de contextualizar o leitor sobre as motivações para a escolha do tema de pesquisa. Já o segundo irá pontuar alguns objetivos do trabalho e fará um levantamento de algumas questões e inquietações sobre as influências das mídias sociais nos modos de fazer, pensar e ensinar dança nos dias atuais.

Não busco encontrar a verdade sobre a dança hoje, mas sim como a dança passa a ganhar e produzir novos sentidos, novos lugares, novos usos, as relações que estas mudanças apontam e de que maneira estas relações são

estabelecidas. E, com isso, investigar as estratégias das lições de dança que a mídia aciona no governo (ou desgoverno) dos corpos na pós-modernidade. (TOMAZZONI, 2009, p. 112)

Dessa maneira, auxiliando na investigação das questões levantadas, também no segundo capítulo, serão apresentados as análises e os resultados obtidos da aplicação do questionário *on-line*, respondido pelo público.

Já o terceiro capítulo dialoga com os resultados do questionário trazendo um dos principais enfoques do estudo: a discussão sobre a dança de entretenimento. E por fim, no capítulo final serão apresentados os relatos das entrevistas realizadas com profissionais da dança, com áreas de atuação diferentes, e seus alunos.

CAPÍTULO 1: MINHAS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS ON-LINE E OFF-LINE

1.1. Um pouco sobre as minhas experiências

Minha trajetória como coreógrafo, pesquisador, professor universitário e gestor público na área da dança sempre me deixou em um lugar repleto de ambivalências. Eu analisava, de um lado, as questões icônicas da dança com subsídios semióticos, de outro coordenava a I Mostra de Dança de Rua de Porto Alegre, por um lado ensinava sobre o nascimento do balé clássico na corte de Luís XIV, por outro, dançava a Ragatanga com os alunos de uma escola pública ao Bairro Restinga; por um lado me divertia numa festa rave, por outro me emocionava com a dança-teatro de Pina Bausch. Por um lado assistia a vídeo clipes da Beyoncé e Madonna e por outro ministrava um laboratório de videoarte. Esta coleção de polarizações, colocadas muitas vezes como opostas ou incompatíveis me sinalizam para um cenário que se mostrava complexo e provocativo relacionado à cultura contemporânea e, em especial, às condições singulares como a dança vem se apresentando. (TOMAZZONI, 2009, p.29).

Dou início a este primeiro capítulo com esta citação da tese de doutorado “Lições de dança no baile da pós-modernidade: corpos (des)governados na mídia” de Airton Tomazzoni, coreógrafo, jornalista, diretor e doutor em Educação, pois me gerou grande inspiração. Essa identificação com o autor se tornará mais evidente ao longo da leitura deste trabalho, em especial, deste primeiro capítulo.

Assim, gostaria de iniciar compartilhando com o leitor um pouco sobre meus caminhos percorridos na dança, até este momento presente em que me encontro: finalizando cinco anos de graduação em Bacharelado e Licenciatura em Dança pela Universidade Estadual de Campinas. Este capítulo tem o intuito de contextualizar o leitor a fim de ajudá-lo entender minhas motivações para a escolha e pesquisa deste tema, uma vez que ele tem uma intrínseca relação com as minhas experiências pessoais e profissionais na dança.

Cresci em um dos maiores polos comerciais do país: São Paulo capital, assistindo muita televisão, especialmente *Disney Channel*¹. Muitos programas da *Disney* na época, como séries e filmes, tinham a dança como característica ou elemento, como por exemplo o musical *High School Musical*², que se tornou bem famoso no Brasil e no mundo inteiro entre os anos de 2006 e 2008. Na época, me

¹ Disney Channel é um canal de televisão estadunidense especializado em programação infantil-juvenil, através das suas séries originais e filmes.

² High School Musical: filme de caráter musical produzido para o canal Disney Channel, nos Estados Unidos em 2006.

lembro de me divertir tentando reproduzir as coreografias do filme em casa, com amigos e familiares.

Durante a adolescência, após o abandono dos programas infantis no *Disney Channel*, entrei na fase de assistir a videocliques de cantores famosos no canal da MTV³ da época, como *Britney Spears*, *Rihanna*, *Lady Gaga*, *Miley Cyrus*, *Beyoncé*, *Usher*, *Justin Bieber*, entre muitos outros. Os videocliques que mais me chamavam atenção eram os que tinham performances de bailarinos e grupos. Toda aquela produção, jogos de câmera e figurinos chamativos, tudo isso fazia com que comesse a sonhar um dia estar ali também dançando.

Além desse grande divertimento e mundo imaginativo que esses programas me proporcionaram, eles me despertaram o principal: a vontade de aprender a dançar.

Segundo Darrin Henson, um dos consagrados nomes do mercado e que trabalhou para Michael Jackson, Britney Spears, Christina Aguilera, Prince e Jennifer Lopez, citado por Tomazzoni (2009): *“I studied dance by watching Michael Jackson videos. I would put a mirror in front of the television and practice. Everything happened in my bedroom. I never really took many classes⁴.”*

Darrin Henson, portanto, é um exemplo de coreógrafo influenciado pela mídia televisiva, assim como muitos artistas da dança que revelaram sobre terem começado a dançar por conta da influência dos videocliques.

Além das influências da televisão, nós nascidos em meados dos anos 90, crescemos simultaneamente à evolução exponencial da internet e principalmente das redes sociais⁵ como por exemplo o *YouTube*⁶. Para uma paulistana, filha única, que sempre morou em condomínios fechados de prédios, o *YouTube* foi responsável por uma boa parte do meu entretenimento durante minha infância e adolescência. Não só entretenimento, mas também como um meio que me trouxe conhecimento em diversos assuntos, inclusive dança. Esta plataforma foi a responsável por me apresentar coreógrafos e dançarinos dentro e fora do Brasil, estilos diversos de dança

³MTV (anteriormente um acrônimo de Music Television) é um canal de televisão norte-americano básico por cabo e satélite. A MTV Brasil chegou ao fim, oficialmente, em 30 de setembro de 2013. Posteriormente entrou no ar a “nova MTV”, controlada pela Viacom.

⁴ Tradução: “Estudei dança assistindo a vídeos de Michael Jackson. Eu colocava um espelho na frente da televisão e praticava. Tudo aconteceu no meu quarto. Eu nunca tive muitas aulas”.

⁵ Redes sociais: Redes sociais são estruturas formadas dentro ou fora da internet, por pessoas e organizações que se conectam a partir de interesses ou valores comuns. Muitos confundem com mídias sociais, porém as mídias são apenas mais uma forma de criar redes sociais, inclusive na internet.

⁶ YouTube: Criado em 2005, o YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos com sede em San Bruno, Califórnia.

e tutoriais específicos. Obter entretenimento e conhecimento por meio do audiovisual⁷ sempre foi algo de meu interesse.

A televisão e a internet não só despertaram minha vontade de aprender a dançar como também de estar lá dançando, para todos verem. A ideia de poder ter maior visibilidade e consequentemente apresentar a dança para mais pessoas, com maior alcance, sempre foi algo que me agradou. Assim, por meio do contato com essas mídias, um sonho de infância somado a outras experiências se tornou um desejo permanente.

Em 2016 conheci a *Westside Full Dance Studio*⁸, um dos estúdios de dança com maior referência em São Paulo. Essa referência se dá devido à possibilidade do contato dos alunos com profissionais experientes e atuantes no mercado da dança, principalmente profissionais que atuam como dançarinos e coreógrafos de artistas brasileiros, na televisão e demais mídias. Dessa maneira, fiquei completamente fascinada com a oportunidade de poder aprender com artistas da dança que atuavam nesses meios. Meios que eu cresci assistindo na televisão e pelo *YouTube*. Pela primeira vez, eu estava em uma escola de dança com as características que eu sempre almejei estudar: técnicas, performance, orientações em relação à câmera, expressão e estética, elementos valorizados nas mídias.

Comecei a frequentar o estúdio ao final de 2016 e logo após em 2017, ingressei na graduação de dança na UNICAMP. E dessa forma, se deu meu primeiro conflito de ideias. A universidade era um mundo completamente diferente do que eu esperava ser, formas de se pensar, fazer e ensinar dança. A princípio, essa quebra de expectativas foi bastante assustadora e confesso que até um pouco decepcionante. Como uma aluna que sempre estudou em academias e estúdios de dança, eu nunca havia entrado em contato com o tipo de pensamento de dança da universidade. Foi algo totalmente novo para mim.

Quando entrei na universidade e logo que esses conflitos começaram a surgir, uma das principais sensações que tive no início do curso é que eu deveria esquecer todas as minhas experiências fora da universidade pois aquela realidade era completamente diferente da dança que eu tinha conhecido anteriormente.

⁷ O audiovisual é um meio de comunicação em que há a utilização conjunta de elementos visuais e sonoros. Exemplos: televisão, cinema, vídeos para a internet.

⁸ Westside Full Dance Studio: escola de dança em São Paulo capital, com aulas de alto nível, profissionais experientes e atuantes na indústria da dança.

Neste momento de finalização da minha graduação percebo como essa sensação foi equivocada pois, assim como Katz e Greiner explicam na Teoria Corpomídia, o corpo sempre está em transformação, dialogando com informações novas que entram e que já estão ali no corpo. Almeida Neto cita Katz e Greiner (2004): “[...] o corpo como um estado sempre em transformação, em codependência com os ambientes por onde transita” (KATZ; GREINER apud NETO, 2015, p. 2).

Apesar das dificuldades de início, comecei o curso e continuei frequentando aulas fora da universidade ao longo da graduação. Com isso, fui aprimorando minhas habilidades conforme o tempo, frequentando os dois lugares, algumas oportunidades de trabalho começaram a surgir. Ao final de 2017 comecei a trabalhar como criadora de conteúdo digital para a empresa chinesa *ByteDance*⁹, na época para um aplicativo chamado *Vigo Video*¹⁰, e atualmente, em 2021, empresa dona do aplicativo *TikTok*¹¹. Desta forma, comecei a publicar vídeos de dança para o aplicativo e também em outras redes sociais, como o *Instagram*¹².

O *Vigo Vídeo*, apesar de ter sido um aplicativo que não tenha chegado ao mesmo nível de popularidade que o *TikTok*, me trouxe experiências importantes, pessoais e artísticas. Como por exemplo entender um pouco sobre interação com os usuários, algoritmo, qual tipo de conteúdo teria maior probabilidade de “viralizar”¹³ e atrair público, me expressar com mais convicção na internet e obter contatos com outros influenciadores digitais por meio de eventos e viagens, como, por exemplo, a viagem que nós fizemos para o Rio de Janeiro com o intuito de gravar cenas para o videoclipe oficial do aplicativo.

Além de estar fazendo aulas dentro e fora da universidade, produzindo conteúdo de dança para este aplicativo, outras oportunidades neste meio também começaram a surgir. Ao longo da graduação tive algumas oportunidades de poder

⁹ ByteDance ou Beijing ByteDance Technology Co. Ltd. é uma empresa chinesa de tecnologia da Internet que opera várias plataformas de conteúdo habilitadas para aprendizado de máquina, com sede em Pequim. Foi fundado por Zhang Yiming em 2012.

¹⁰ Vigo Video é um aplicativo de rede social para criação de vídeos curtos. Atualmente em 2021, o aplicativo não é mais utilizado.

¹¹ TikTok, também conhecido como Douyin na China, é um aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos. O app conta com 689 milhões de usuários ativos mensais pelo mundo, de acordo com o site Business of Apps.

¹² Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr.

¹³ Viralizar significa tornar viral ou seja algo que se torne muito visto ou compartilhado por muitas pessoas, especialmente em redes sociais ou aplicativos de compartilhamento de mensagens.

trabalhar como dançarina para alguns videoclipes de cantores brasileiros e para alguns canais no *YouTube*.

1.2. Dois mundos aparentemente inconciliáveis

Diante dessas oportunidades que surgiram concomitantemente à minha trajetória no curso de dança da UNICAMP, pode-se perceber extrema diferença entre dois cenários que pude vivenciar durante esses anos. E essas diferenças trouxeram infinitas questões pessoais e artísticas durante minha formação em dança.

Levou um tempo significativo para conseguir me sentir pertencente a uma sala de aula dentro da UNICAMP. Entretanto, hoje, percebo que esse sentimento de não-pertencimento não foi motivado apenas por essas vivências, mas também por conta de uma certa desvalorização ou espécie de preconceito na universidade em relação a essas denominadas “**danças de mídia**”, termo que será melhor discutido e aprofundado nos próximos capítulos.

A epifania que tive ao perceber que muitos dos assuntos que me interessavam na dança não eram tão “bem-vindos” a serem discutidos dentro da universidade, impactou de forma significativa na minha autoestima como aluna e artista da dança. E questões como: será que estou no lugar certo? começaram a surgir.

Os primeiros dois anos de graduação foram desafiadores. Eu não me sentia boa o suficiente naquele espaço e, principalmente, acreditava que meus conhecimentos eram inferiores ou menos importantes. Me via totalmente descolada da realidade acadêmica. E mesmo assim, com tantos conflitos internos em relação a dança e a universidade, continuei.

Conforme o tempo foi passando, e conseqüentemente obtendo maior maturidade como pessoa e artista, minha relação com o curso começou a melhorar. Todos esses conflitos me motivaram a entender um pouco mais sobre algumas ideologias e alguns objetivos da graduação em dança, principalmente em relação à sua história e sua estrutura curricular. Além disso, com o tempo, comecei a perceber como aquele espaço já havia me proporcionado inúmeros conhecimentos de corpo, com os quais jamais havia entrado em contato antes. O poder que a universidade pública tem de nos transformar é realmente admirável.

E então, algo que achei que não poderia se tornar mais complexo, se tornou. Quando passei a ter mais afinidade com as práticas e estudos corporais da universidade, todos aqueles conflitos que tinha se transferiram para fora da universidade também. Dessa forma, mais uma crise de identidade com a dança surgiu: quando estava dentro da universidade, me sentia pertencente ao mundo “comercial” lá fora, e quando estava fora, me sentia pertencente ao “mundo acadêmico”. Em ambos os ambientes reconheci potencialidades tanto como aspectos negativos. Percebi que gostaria de fazer parte desses dois mundos e comecei a enxergar a possibilidade desses conflitos gerarem riqueza de conhecimento para a minha dança por conseguir compreender dois “mundos inconciliáveis”.

Esses mundos inconciliáveis passaram a se conectar de alguma forma e fazer sentido para mim apenas nos últimos anos de graduação em dança na UNICAMP.

1.3. Estágios: vamos entender os contextos dos alunos?

Os estágios da licenciatura e bacharelado foram também muito importantes nesse processo de entendimento e conexão desses dois cenários dos quais fazia parte.

Fiz os dois estágios durante o ano de 2019, no meu terceiro ano de graduação. Um deles realizei em uma escola pública de ensino formal chamada E. E Maria Alice Colevati Rodrigues e o outro em uma escola privada de ensino não formal de dança, Volé Estúdio de Dança. Fazer esses dois estágios ao mesmo tempo foi muito interessante devido à comparação e reflexão sobre suas convergências e divergências.

Na escola Maria Alice estagiei acompanhando a professora de artes e também a de educação física. Na época, no mês de Junho, a diretora sabendo que eu era uma estagiária do curso de Dança da UNICAMP, me pediu para que organizasse uma dança para ser apresentada na festa junina da escola.

Freire (1996, p.15) “Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”. Assim, como Paulo Freire discorre em sua obra “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”, sobre a importância de se levar em consideração os conhecimentos, contextos e vivências dos alunos, tomei a iniciativa, antes de dar qualquer início a alguma prática corporal para os alunos, de

realizar uma roda de conversa para compreender seus saberes e interesses de dança e gênero musical.

Diante da minha pergunta, os alunos responderam unanimemente “nós queremos dançar *funk*¹⁴!”. Não surpresa, respondi que seria possível dançamos *funk* na festa junina da escola. É válido ressaltar neste momento, que jamais levaria alguma música com teor inadequado para a idade dos alunos. A partir desta escolha em conjunto propus algumas aulas com práticas corporais que envolvessem alguns *passinhos de funk*¹⁵, com os quais havia tido contato em aulas com grupos de dançarinos que estudam os passinhos dançados em São Paulo e Rio de Janeiro e com os próprios passinhos que os alunos já traziam espontaneamente nas aulas.

Tudo estava indo bem com essas pequenas oficinas até o momento em que a diretora me convidou a aparecer em sua sala. A diretora explicou que ela gostaria de conversar comigo pois um dos pais dos alunos não ficou muito satisfeito em saber que seu filho dançarina *funk* na escola. Expliquei à diretora que não iríamos dançar ou utilizar uma música com letra e sim somente o ritmo e alguns passos na coreografia. Por sorte, a diretora entendeu e permitiu que continuássemos com o nosso trabalho. Mesmo depois deste conflito, o dia da festa junina foi um sucesso e todos se divertiram as crianças, os pais e a escola como um todo.

Além da festa junina, tive oportunidade de dar outras aulas ao decorrer do ano, aulas de *Hip Hop Dance*¹⁶. De início foi bem difícil captar a atenção das crianças, pois elas nunca haviam tido contato antes com esta dança. No entanto, com o tempo, ao conhecer mais as crianças, notei que elas falavam o tempo inteiro sobre um jogo chamado *Fortnite*¹⁷. Dessa maneira, fui pesquisar o que era, pois, como diz o autor e educador Paulo Freire, ensinar exige pesquisa.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e

¹⁴ O *funk* carioca, ou simplesmente *funk*, é um estilo musical oriundo das favelas do estado do Rio de Janeiro, no Brasil.

¹⁵ Passinho: passos de dança específicos do *funk* dançados em festas, bailes *funk*, rua, eventos e aulas.

¹⁶ A dança *hip hop* refere-se aos estilos de dança sociais ou coreografados relacionados à música e à cultura *Hip Hop*.

¹⁷ *Fortnite* é um jogo eletrônico multijogador online revelado originalmente em 2011, desenvolvido pela Epic Games.

me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p.14).

Pesquisando sobre o jogo, descobri que os personagens possuem ações, comemorações, formas de se expressar de uma maneira especial, de acordo com suas conquistas no jogo. E a maneira especial de se expressar seria por meio de passos de dança curtos, “dancinhas”. A partir de então, comecei a experimentar essas dancinhas em meu corpo, aprendê-las. E, coincidentemente, muitos dos passos de dança dos personagens eram os mesmos ou muito semelhantes à passos de *Hip Hop Dance*.

Nas aulas seguintes, quando anunciei que aprenderíamos os passos de dança do jogo, as crianças ficaram muito interessadas em realizar as propostas que eu elaborava. A experiência de utilizar os conhecimentos prévios dos alunos com outros que eu gostaria de propor foi extremamente positivo para ambas as partes. E isso se deu tanto em relação à coreografia de festa junina utilizando o *funk*, quanto ao jogo Fortnite.

Apesar de diferentes, no outro estágio que realizei na Volé Estúdio de Dança, acabei vivenciando situações bastante significativas. Após este período de estágio, fui convidada a ministrar aulas de dança oficialmente na escola como professora de *Hip Hop Dance* para crianças e adolescentes. Essa experiência foi de extrema importância pois foi a primeira vez em que exercia o papel de professora de dança, fora da universidade.

Durante as aulas na academia, comecei a perceber que entre os intervalos de tempo, as crianças faziam várias “dancinhas do *TikTok*”. Desta vez, não foi preciso pesquisar muito para entender sobre, uma vez que o *TikTok* e outras redes sociais sempre fizeram parte da minha vivência pessoal e como dançarina. Essas “dancinhas do *TikTok*” também são passos ou são inspirados em passos de *Hip Hop Dance*, os quais são chamados de *passos sociais*, passos criados e dançados em festas, na rua, inspirados em filmes, artistas, pessoas, com histórias e contextos importantes para a cultura *Hip Hop*. Reconhecendo o interesse dos alunos pela rede social, aproveitei para explicar um pouco sobre essas “dancinhas” e de onde elas vieram.

CAPÍTULO 2: Qual a importância de discutir sobre dança e redes sociais?

2.1. Alguns objetivos da pesquisa

Os principais objetivos da pesquisa foram: produzir conhecimento, fomentar discussões sobre dança e mídias sociais e também investigar suas influências na vida dos artistas da dança e de seus alunos, que podem afetar o modo de se fazer, pensar e aprender dança.

Já os objetivos específicos são: analisar as relações entre corpo, dança e as tecnologias midiáticas na contemporaneidade e investigar sobre o conceito de dança de entretenimento.

2.2. Por que é importante discutir sobre dança e redes sociais?

- **1) Necessidade de produzir conhecimento e fomentar discussões no ambiente acadêmico sobre dança e redes sociais.**

Quando decidi escolher este tema de pesquisa confesso que senti um pouco de apreensão e me questionei sobre o porquê desse sentimento. Refletindo sobre a minha trajetória para a escrita deste trabalho, percebi que em determinadas situações que vivi durante minha graduação, me senti desestimulada a pesquisar sobre esse assunto devido a uma desvalorização dessa área de conhecimento ou por haver poucas discussões em sala de aula na época.

Dessa forma, em muitos momentos da minha formação senti como se o que eu gostasse de estudar, como as danças mais ligadas às mídias, fossem de valor menor, em comparação a outras danças estudadas na universidade. Quando me deparei com essas reflexões me questionei: o ambiente acadêmico não deveria ser um espaço de incentivo de estudo de todas as formas, sejam elas quais forem, de dança?

Na contemporaneidade, a resposta a problemas deve abrir o diálogo com o contexto vivido ou experiências pessoais dos estudantes. Cabe alimentar as relações que se tecem entre conteúdos e vida, e, nessa situação dialógica é onde se dão os processos de aprendizagem que parecem ser mais efetivos. Nesse viés, cabe discernimento a respeito de processos de aprendizagem e avaliação, onde, em um âmbito de trocas de informação, é na perspectiva de respeito às diferenças e múltiplas visões de mundo que eles precisam ser considerados. (ALMEIDA NETO, 2015, p.1)

Concluindo quase 5 anos de graduação em dança, percebi que este tipo de sentimento não deveria existir dentro de uma universidade, especialmente um assunto que passou a ocupar um lugar significativo na vida das pessoas, inclusive nós artistas e nossos alunos. Buscar entender sobre as influências das mídias e da tecnologia na dança passou a ser fundamental para o entendimento e o desenvolvimento de questões pedagógico-artísticas da dança nos tempos atuais, assim como cita Tomazzoni:

Ao longo dos anos, percebi que aquilo que poderia se apresentar para alguns como um conjunto de práticas e vivências ambivalentes ou mesmo repletas de contradições inconciliáveis (para as quais alguns colegas artistas, educadores e acadêmicos torciam e ainda torcem o nariz), se delineava como fundamental para o entendimento e o desenvolvimento de questões pedagógicas/artísticas da dança nos tempos atuais. (TOMAZZONI, 2009, p.19)

Devido à falta de incentivo, também acreditava não haver tantos estudos sobre o assunto. Também, por ser considerado um tema ainda emergente, foi preciso pesquisar em outras áreas do conhecimento, como na comunicação, no jornalismo e nas ciências sociais, áreas em que foi possível encontrar pontos convergentes com o tema e realizar comparações.

- **2) As mídias sociais passaram a desempenhar um papel relevante na vida profissional dos artistas da dança e dos alunos na contemporaneidade.**

A importância das mídias sociais para a vida profissional dos artistas da dança se dá principalmente por elas serem um meio de divulgação e disseminação do trabalho do artista, uma forma de portfólio e também como uma forma rápida e eficaz de se comunicar com pessoas, assim atraindo alunos e pessoas de forma geral para conhecerem o seu trabalho. Mais adiante, tais aspectos serão salientados pelos profissionais da dança entrevistados para a coleta de dados da pesquisa.

No entanto, com o decorrer do tempo, o público passou a se interessar também não somente pela vida profissional do artista e seus trabalhos, mas também por conhecer sua vida pessoal, o que existe por trás da tela, da apresentação. Esse fenômeno pode ser exemplificado com a grande audiência que programas de *reality show* recebem, como por exemplo o programa *Big Brother Brasil*, da Rede Globo.

O que contribui para o incentivo dessa exposição excessiva também é a forma como os próprios aplicativos de redes sociais funcionam. Para um usuário do *Instagram*, por exemplo, conseguir manter seus seguidores, seu público, uma das formas é se manter sempre ativo nessas redes sociais, sempre entretendo e entregando conteúdo. A função do *story*¹⁸, já incluso não só nessa rede social, mas também utilizada no *YouTube*, *Facebook* e *WhatsApp*, é uma forma que possibilita esse compartilhamento de momentos cotidianos da vida do usuário de maneira rápida e fácil.

Pessoalmente, estou familiarizada com esse modo de viver, de sempre estar compartilhando momentos da minha vida, pessoais e profissionais. Entretanto, de fato essa exposição excessiva e principalmente quando ela se torna algo com o objetivo de alcançar uma determinada meta, seja ela manter o público interessado em você artisticamente ou outro motivo qual for, é também exaustivo, principalmente para pessoas que não são adeptas a estas redes. Se relacionando bem ou não com a exposição nas redes, a maioria de nós acaba se tornando reféns dessas práticas, no mundo contemporâneo.

Existem muitos estudos que abordam esses aspectos negativos do uso excessivo das redes sociais na vida das pessoas. Pesquisas mostram como o tempo de uso da internet pode impactar na saúde mental dos usuários, como o desenvolvimento de doenças como: depressão e transtornos alimentares. A internet é um lugar onde nós somos bombardeados diariamente com informações sobre alimentação saudável e procedimentos estéticos.

As redes sociais mostram apenas uma pequena parte de nossas vidas, na maioria das vezes um momento feliz e assim somos iludidos com uma falsa realidade e nos comparamos com outras pessoas. Criamos o desejo de possuir uma vida perfeita, o que gera frustração, uma vez que a perfeição não existe.

O artigo "Mídias Sociais e Saúde Mental"¹⁹ de Drauzio Varella publicado no site da UOL, Universo Online, trata sobre uma pesquisa realizada no Reino Unido, a qual entrevistou 1.479 jovens de 14 a 24 anos, no período de fevereiro a maio de 2020, que buscou avaliar essas relações entre o uso da internet e a saúde mental dos

¹⁸ Story: ferramenta "Stories" que possibilita uma forma rápida e fácil de compartilhar momentos e experiências.

¹⁹ Artigo Mídias Sociais e Saúde Mental: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/midias-sociais-e-saude-mental-artigo/>

usuários. Foi pedido aos entrevistados que classificassem em ordem decrescente em relação ao nível de efeitos positivos e negativos das plataformas *YouTube*, *Twitter*, *Facebook*, *Snapchat* e *Instagram*. Tendo assim como resultado o *YouTube* em primeiro lugar sendo considerada a rede social com mais efeitos positivos, *Twitter* em segundo, *Facebook* em terceiro, *Snapchat* em quarto e por último em quinto o *Instagram*, ou seja, sendo considerada a rede social com mais efeitos negativos em comparação às outras.

É interessante que *Snapchat* e *Instagram*, duas plataformas centradas na imagem, tenham sido consideradas as mais nocivas. A autoimagem é um aspecto ligado a sentimentos de inadequação, depressão e de ansiedade, muito prevalentes nessa fase da vida. (VARELLA, 2020, s.n.)

O artigo conclui que apesar do *Instagram* ter sido bem avaliado nos quesitos de auto expressão e de auto identidade, a rede social também foi associada à maior propensão dos usuários a obterem níveis mais elevados de ansiedade e depressão.

- **3) São estabelecidas novas relações entre corpo, dança e as tecnologias midiáticas.**

As hashtags mais compartilhadas por esses(as) nossos(as) jovens alunos(as) são: #dancinhas, #dancinhasdoTikTok, #dancetutorial, #desafiodedança, #dancechallenge. Assim, como nós, professoras licenciadas em dança recém-in-gressantes em nossas escolas, poderíamos simplesmente ignorar esse mundo da dança? Um mundo que não é paralelo ao mundo real, mas que produz as subjetividades de cada estudante, especialmente no que refere a corpo e dança. (BONFIM; ALLEMAND, 2021. p.123).

Nós artistas da dança já não podemos mais ignorar este novo mundo que está surgindo e que estabelece outras formas de produzir dança.

Os vídeos que estão sendo produzidos em massa nas mídias sociais contemporâneas possuem características próprias. Por exemplo, em sua maioria dão ênfase ao rosto e ao tronco, e o celular está passando a ter a mesma função que um espelho nas aulas de dança, ou seja, existe uma preocupação exacerbada com a estética. Essas mudanças podem causar estranhamento ou gerar conflitos entre gerações e nichos de dança.

Atualmente, com a facilidade de criação proporcionada por esses aplicativos, os alunos passaram a criar danças. Além de alunos, eles passaram a ser também

criadores. E os que não criam, copiam. Apesar de a cópia acabar sendo, de um ponto de vista, algo meramente mecânico, também pode ser visto como uma oportunidade de recriação a partir de uma referência. A criatividade se manifesta exatamente nesse ato de refazer, recriar aquela sequência a partir do corpo de cada um.

A edição do corpo, os efeitos e os filtros também muito utilizados nestas redes sociais também são interessantes de serem analisados. A aparência passou a ser algo muito importante no mundo pós-moderno. O poder de escolher o que é mostrado também pode causar muitas consequências negativas psicologicamente para os usuários das redes, devido a ilusão criada nesta vida virtual. E além disso, nem todos que possuem características específicas, características mais valorizadas em um senso comum, acabam tendo as mesmas chances de visibilidade nesses aplicativos.

No livro "Dança na escola: Pedagogias possíveis de sôras para profes" de Josiane Franken Corrêa e Débora Souto Allemand no capítulo "Experiências artístico-pedagógicas no *TikTok*: duetos de dança entre professoras e estudantes", as autoras trazem uma discussão muito importante sobre o assunto:

Há tempos, as selfies geram grande impacto na cultura. Em reportagem no dia 16 de março de 2020, o *TikTok* foi acusado pelo The Intercept Brasil (2020) de censurar, através de documentos direcionados à moderadores, conteúdos ideologicamente indesejáveis e usuários(as) pobres ou pouco atraentes. Isso quer dizer que características corporais e ambientes considerados feios nunca deveriam aparecer na seção For You. (BONFIM; ALLEMAND, 2021. p.134).

*For You*²⁰ é a página, o *feed*²¹, em que aparecem as publicações mais recomendadas pelo próprio aplicativo para seus usuários, ou seja, é o local onde aparecem os vídeos com maior “qualidade”, em relação a seu conteúdo. Assim, começou a ser questionado pelo público quais eram esses conteúdos considerados pelo aplicativo com maior qualidade. Notou-se a maior predominância de vídeos recomendados na página *For You*, vídeos de pessoas em sua maioria

²⁰ For You “Para você”: No TikTok é a página “Para você” (For you, em inglês) do aplicativo. O termo também é frequentemente usado como a hashtag #FY, em referência ao feed com publicações recomendadas pelo próprio app para seus usuários. Fonte: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/06/fy-no-tiktok-saiba-o-significado-da-hashtag-e-como-aparecer-na-pagina.qhtml>

²¹ O feed é um fluxo de conteúdo que permite rolagem. O conteúdo é exibido em blocos de aparência semelhante que se repetem um após o outro. Por exemplo, um feed pode ter conteúdo editorial (como uma lista de artigos ou notícias) ou fichas (uma lista de produtos ou serviços, entre outros). Os feeds podem aparecer em qualquer lugar na página. Fonte: <https://support.google.com/adsense/answer/9189559?hl=pt-BR>

correspondentes a um determinado padrão, como pessoas brancas e magras. Depois que essas características começaram a ser notadas pelo público, o aplicativo *TikTok* recebeu muitas críticas. Apesar dessa censura velada aparentemente ter “acabado”, surgindo um maior número de vídeos com maior diversidade na página *For You*, após essas críticas, ainda existe uma grande discrepância em comparação de visualizações que determinados vídeos recebem dependendo de quem está produzindo aquele vídeo.

- **4) Pensar na dança presente nas mídias sociais dentro de uma lógica de uma sociedade de consumo.**

E como pensar dança fora da lógica de uma sociedade de consumo? A dança passou a atingir um público em escala planetária, pela televisão, cinema e internet. O mercado fatura com a dança, a dança fatura com o mercado. O recente quadro *Danças dos Famosos*, apresentado na televisão, e filmes como *Vem dançar* que fizeram crescer as matrículas em academias de dança de salão, ou a febre hip hop nos videocliques, que fez crescer as cifras geradas pela comercialização de produtos vinculados à dança de rua, como calças, bonés, tênis (TOMAZZONI, 2009, p.64).

Todas essas discussões em relação à imagem desses corpos que dançam nas mídias, praticamente de uma forma automática, nos leva a perceber como a dança está sendo tratada como um produto que corresponde a uma lógica de consumo. E como não refletir sobre tais aspectos vivendo dentro de uma sociedade capitalista? Assim, essas questões se tornam impossíveis de serem ignoradas, cabendo nós artistas da dança discutir mais sobre esses assuntos abertamente.

Acredito que o Brasil seja um país com muita arte. Eu como moradora da capital paulista, São Paulo, me deparo com várias formas de arte em meu cotidiano, seja pegando um metrô ou na rua. A cidade possui muita arte, fomentada pelos artistas de rua, museus e teatros. No entanto, indiscutivelmente, o incentivo à produção de arte ainda é muito pouca e os artistas ainda são muito desvalorizados, de modo geral.

O fato de não sermos incentivados a frequentar teatros desde a infância, de existirem ainda poucas leis de fomento à arte, de ter sido recente a alteração da “Lei 13.278/2016, que inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica”²², e da desvalorização da área da educação

²² Fonte: Agência Senado

no país, tudo isso acaba nos tornando reféns do contato apenas com a arte que está presente nas mídias.

O problema do público acabar se tornando refém somente de um tipo de arte exposta nas mídias é que ele acaba ficando limitado ao contato a apenas a um tipo de pensamento, acostumado somente com um tipo de movimentação e estética. Tudo isso acaba também sendo um fator negativo para os artistas, uma vez que aquilo que é visto pelo público nas mídias é apenas uma pequena parte de um universo que abrange muitas outras formas de fazer, pensar e ensinar dança. Assim, existe um saldo negativo para os dois lados, as pessoas não têm o interesse de ir a um teatro assistir uma outra forma de arte e quando vão muitas vezes se frustram por não entender “o que o artista quis dizer” com aquela obra, e esses artistas acabam tendo menos público.

E sem um convívio no qual possa educar a sua sensibilidade com este tipo de produção artística, o público lida com ela buscando o mesmo tipo de comunicação praticado na linguagem verbal, que é centrado no significado. Procura identificar a intenção do artista criador e entender a mensagem proposta pela obra para formular uma legenda explicativa para o que assiste. (GASPARINI. 2015, p.7)

Assim, as danças que não tem o intuito de pensar em entreter o público ou não se adequam a uma determinada estética ou forma de produção dentro desta lógica capitalista, acabam sendo também desvalorizadas ou ficando à margem deste contato com o público em relação a essas danças mais presentes na mídia.

Além disso, conforme o avanço tecnológico e as facilidades que ele promove no cotidiano, as pessoas estão ficando cada vez mais acostumadas com a rapidez. Vídeos curtos, como os vídeos do aplicativo *TikTok* ou *Reels* do Instagram, que duram apenas 10, 15, 30 segundos, parecem manter maior interesse do público ao invés de assistir vídeos mais longos. Estamos vivendo em um período onde existe um bombardeamento de informações e acabamos estabelecendo poucas experiências com aquilo que assistimos. Assim como cita o educador Jorge Larossa:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar

informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. (LAROSSA. 2002, p.22)

A tendência em se acostumar com conteúdos cada vez mais curtos e estabelecer cada vez menos experiências com aquilo que vemos é algo muito prejudicial aos artistas. Afinal de contas, se as pessoas não estão conseguindo mais assistir um vídeo de 1 minuto de dança na internet, quem dirá uma apresentação de 30 minutos a uma hora em um teatro. E me pergunto: qual será o limite que podemos chegar com a ansiedade de passar pela vida de maneira tão rápida?

2.3. Reflexões sobre a influência das redes sociais na dança e aplicação de questionário on-line

A partir de todas essas questões, foram elaboradas 10 perguntas na tentativa de investigar e compreender um pouco mais sobre essas relações entre a dança e as mídias sociais atualmente. Seriam elas:

- 1) Qual a importância da utilização das redes sociais para os profissionais da dança?
- 2) Existe um maior número de pessoas consumindo dança hoje em dia por conta das redes sociais?
- 3) As redes sociais são mais utilizadas por alguns profissionais da dança do que outros dependendo da sua área de estudo?
- 4) As pessoas acreditam que as mídias sociais podem ser um caminho para aprender a dançar?
- 5) Pessoas que dançam e não dançam têm consciência dos impactos que as mídias sociais possuem sobre elas? Se sim, de quais formas?
- 6) Quais são os biotipos que dançam e ocupam majoritariamente os espaços midiáticos hoje em dia?
- 7) Com o passar do tempo, o público está ficando cada vez mais acostumado com vídeos e apresentações de dança mais curtas?
- 8) De que forma, hoje, o público está consumindo dança predominantemente?
- 9) As redes sociais afetam a perspectiva do público em relação a qualidade de uma dança? O que o público percebe como qualidade?

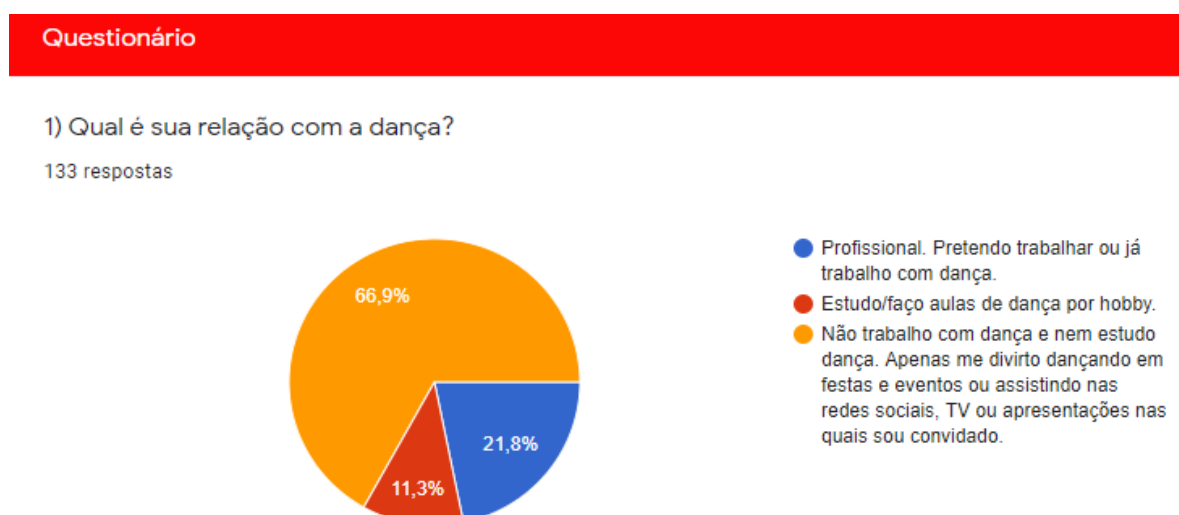
- 10) Sob a perspectiva do público que dança ou não, qual o principal papel que a dança pode desempenhar?

Para auxiliar nesta investigação, uma das formas de coleta de dados da pesquisa, foi por meio da aplicação de um questionário *on-line* pelo *Google* Formulários disponibilizado no *Instagram*, aberto para a participação do público. O questionário possuiu 15 perguntas (disponível nos anexos) e contou com a participação de 133 pessoas, sem restrições. Ou seja, o questionário foi respondido por pessoas de diversas idades e também não era necessário que a pessoa tivesse alguma relação profissional com a dança.

Aplicação do questionário *on-line*: a influência das mídias sociais na dança

O questionário não possui restrição em relação a idade, ou seja, maiores ou menores de 18 anos poderiam participar. No entanto, teve uma predominância da participação de pessoas maiores de idade²³.

A primeira pergunta do questionário teve o intuito de compreender qual era a relação daquele participante com a dança: profissional, *hobby* ou também nenhuma relação.



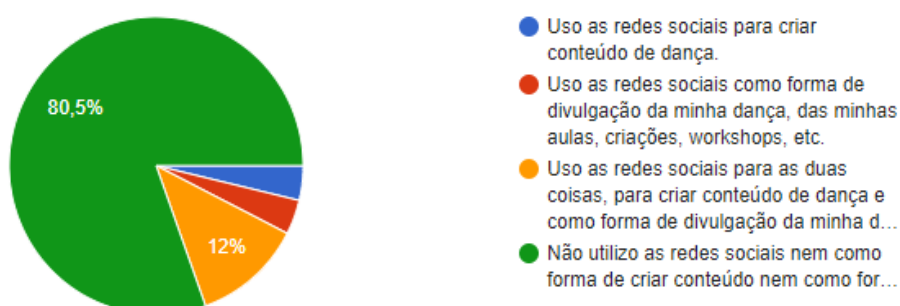
²³ É importante salientar que foram disponibilizados os Termos de Consentimento e Assentimento no início do questionário, anteriormente as perguntas, para todos os públicos, assim como o CEP – Comitê de Ética em Pesquisa – propõe. Ambas coletas de dados foram aprovadas pelo comitê.

Assim como demonstra os resultados, o público participante, foram predominantemente (66,9%), pessoas que não trabalham ou estudam dança, apenas tendo o contato com ela por meio de festas, eventos e mídias sociais. 21,8% foram pessoas que pretendem ser ou são profissionais da dança e 11,3% apenas fazem aulas por *hobby*.

Além disso, também foi questionado ao público quais eram suas relações com as redes sociais *Instagram*, *TikTok* e *YouTube*.

2) Você utiliza as redes sociais (Instagram, TikTok, YouTube...) com qual finalidade?

133 respostas



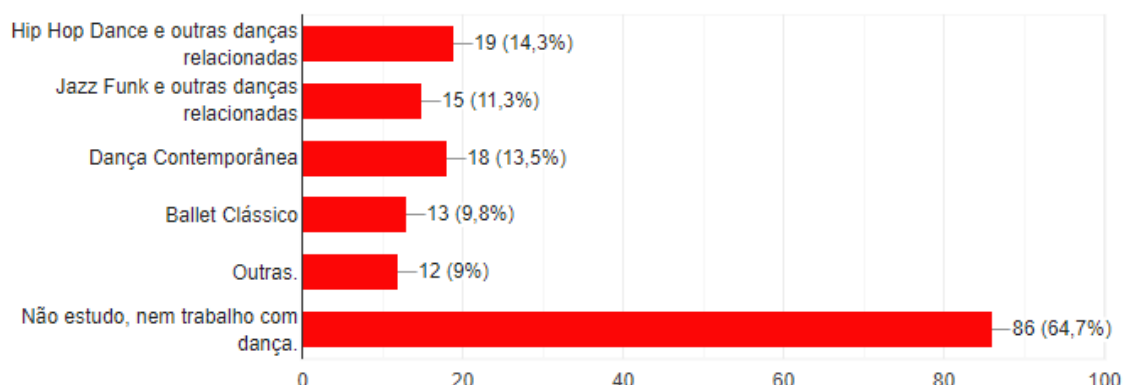
80,5% do público constatou que apenas utilizam as redes sociais apenas como forma de lazer e de se comunicar, não dependendo delas para a utilização de divulgação ou criação de conteúdo. O que faz sentido pois a maioria das pessoas que participaram são pessoas que não estudam ou trabalham com a dança.

Agora, em relação às pessoas que dançam, 12% responderam que utilizam as redes sociais para criação de conteúdo de dança e também para a divulgação de seus trabalhos artísticos; 3,8% utilizam somente para a divulgação de trabalhos artísticos e outros 3,8% utilizam as redes sociais somente para a criação de conteúdos de dança.

Para o público que possui alguma relação com a dança, profissional ou por *hobby*, foi investigado também a área de atuação.

3) Qual modalidade/estilo de dança você estuda ou trabalha? (a área que você mais estuda)

133 respostas



O público participante atua majoritariamente nas áreas de Hip Hop Dance (14,3%), *Jazz Funk* (11,3%) e outras danças relacionadas aos dois estilos e também da Dança Contemporânea (13,5%). Do *Ballet Clássico* (9,8%) e outras modalidades (9%).

Em seguida, foi questionado: você acredita que as pessoas podem aprender a dançar por meio das redes sociais (*TikTok, Instagram, Youtube...*)? E os resultados foram:

4) Você acredita que as pessoas podem aprender a dançar por meio das redes sociais (TikTok, Instagram, YouTube...)?

133 respostas

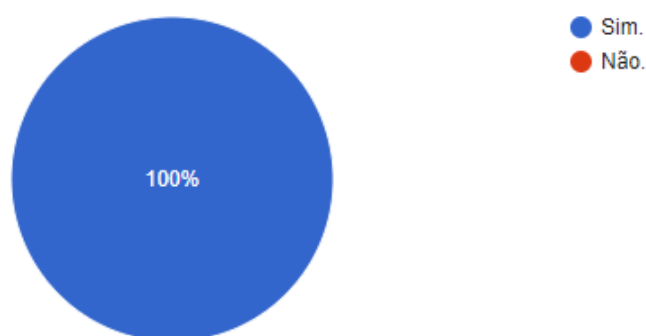


60,2% do público acredita que as pessoas podem aprender a dançar por meio destas redes sociais. 38,3% responderam que não acreditam que somente pelas redes sociais uma pessoa possa aprender a dançar, mas acreditam que estas redes podem despertar a vontade do público de aprender. E apenas 1,5% acredita que somente tendo aulas presenciais com um professor de dança possa ser possível aprender a dançar.

Assim, também foi questionado ao público se essas redes sociais mencionadas na pergunta anterior poderiam afetar a dança atualmente, de alguma maneira.

5) Você acredita que essas redes sociais possam afetar a área da dança de certa forma?

133 respostas

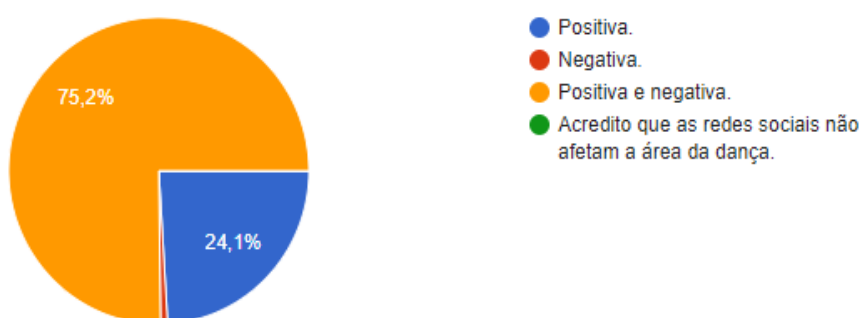


Foi unânime: 100% do público, que tem alguma relação com a dança ou não, respondeu que concorda que as redes sociais possam afetar a área da dança de certa forma.

E ainda foi questionado se essa forma de afetar a dança seria de forma mais negativa ou positiva, ou os dois.

6) Se você acredita que as redes sociais podem afetar a área da dança, seria de forma mais positiva ou negativa?

133 respostas



A maioria do público (75,5%) respondeu que as redes sociais podem afetar de maneira positiva e negativa. 24,1% responderam que as redes sociais apenas afetam a dança de maneira positiva e 0,8% somente de forma negativa.

Em relação às pessoas que responderam que as redes poderiam afetar de maneira positiva, a maioria das pessoas, 71,9%, acredita que as redes sociais são um meio eficaz de disseminar a dança com mais facilidade, que elas podem ser um lugar

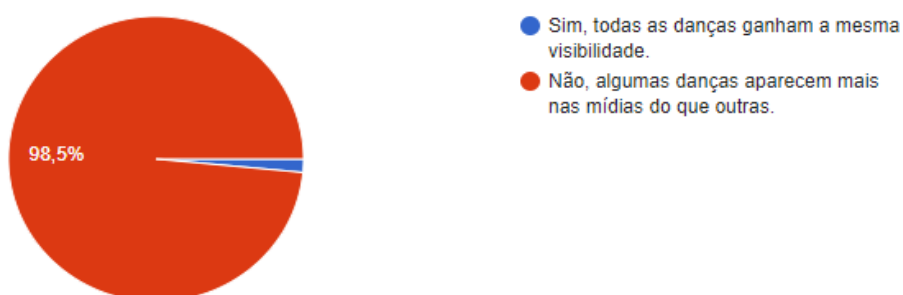
com a finalidade de promover visibilidade ao artista da dança e também podem ser uma forma de portfólio do artista. Entre outras justificativas: as redes sociais servem para democratizar o acesso à dança, disseminar diferentes culturas entre si e despertar o interesse do público na procura de aulas de dança.

Já a maioria das pesquisas que votaram na opção negativa, 57%, acreditam que as redes sociais podem banalizar a dança pois muitas pessoas que postam esses conteúdos se denominam dançarinos e coreógrafos, sem necessariamente ter estudado para isso, alegam também que as redes sociais dão visibilidade apenas para alguns tipos de dança e invisibilidade para outras e acreditam que curtidas e visualizações não significam qualidade. Entre outras justificativas: aplicativos como o *TikTok* podem apagar a história de muitos estilos de dança porque muitos desses passos reproduzidos no aplicativo já eram existentes, com denominações e histórias, e com as dancinhas só são chamados de “dança do *TikTok*”, o que promove seu apagamento e também na valorização de vídeos de dança onde apenas pessoas que correspondem a determinados padrões da sociedade, como brancas, magras e ricas, ganham visibilidade.

Assim, foi questionado ao público de forma geral: você acredita que todos os tipos de dança nas mídias sociais (televisão e internet) ganham a mesma visibilidade? E como resposta: 98,5% das pessoas respondeu que acredita que as redes sociais que alguns tipos de dança aparecem mais nas mídias, do que outras. Apenas 1,5% acreditam que todas as danças ganham a mesma visibilidade.

7) Você acredita que todas os tipos de dança nas mídias sociais (televisão e internet) ganham a mesma visibilidade?

133 respostas

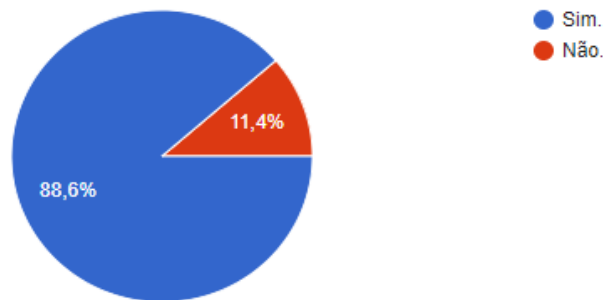


Foi perguntado ao público qual sua preferência em relação a duração na hora de assistir vídeos de dança: curtos, longos ou os dois. O resultado: 58,6% responderam que gostam de vídeos longos e curtos, 39,8% preferem vídeos curtos e apenas 1,5% preferem longos.

Foi questionado também uma das principais investigações do trabalho: você acredita que com a expansão das redes sociais você está vendo/tendo contato com mais danças?

9) Você acredita que com a expansão das redes sociais você está vendo/tendo contato com mais danças?

132 respostas

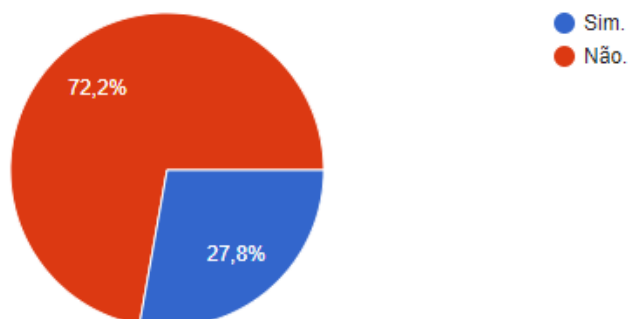


A grande maioria das pessoas responderam que acreditam que estão tendo contato com um número maior de danças atualmente, devido à expansão das redes sociais (88,6%). Tendo apenas 11,4% contrariando a maioria. As pessoas que responderam positivamente justificaram suas respostas dizendo que as redes sociais permitem conhecer professores e dançarinos, ver dança é rápida e direta e possibilitar entrar em contato com uma variedade de dançarinos, sem precisar se deslocar fisicamente. Por outro lado, as pessoas que responderam negativamente justificaram que muitas dessas danças são parecidas, ou meramente reproduzidas e que principalmente não são todas as danças que ganham a mesma visibilidade.

Por fim, caminhando para a finalização do questionário, as últimas perguntas se referem ao número de curtidas e a visibilidade. Sendo assim perguntado: **o número de curtidas e visualizações faria diferença na hora da escolha de fazer uma aula de um determinado profissional da dança?** e também: **você acredita que curtidas e visualizações determinam a qualidade de uma dança ou de um profissional?**

12) O número de curtidas e visualizações faria diferença na hora da escolha de fazer uma aula de um determinado profissional da dança?

133 respostas

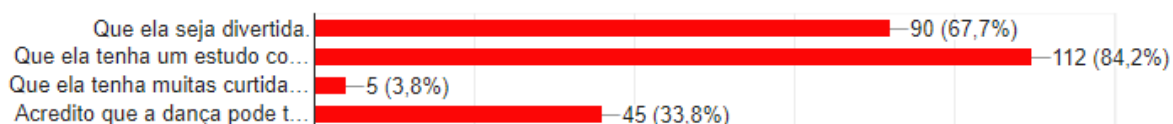


72,2% responderam que o alcance nas redes sociais do artista não faria diferença no interesse em frequentar a aula de um profissional, enquanto 27,8% responderam positivamente. E majoritariamente, 90,2% acreditam que as curtidas nas redes sociais não definem a qualidade profissional do artista da dança.

Por último, a última pergunta do questionário se deu referente o que pode principalmente caracterizar uma dança com boa qualidade, aos olhos do público.

15) Em sua opinião, o que pode indicar que uma dança tem boa qualidade? (Pode seleccionar mais de 1 opção).

133 respostas



Esta pergunta poderia escolher mais de uma opção como resposta. Assim, de 133 pessoas participantes do questionário 90 responderam que a dança deve ser divertida, 112 pessoas responderam que é preciso que ela tenha algum estudo coreográfico, de improviso e poética, 5 pessoas responderam que aquela dança deve possuir muitas curtidas on-line e 45 responderam que além destas, existem outras justificativas, que seriam: transmitir emoção e estabelecer uma boa comunicação com o público em uma obra.

CAPÍTULO 3: A DANÇA DE ENTRETENIMENTO

3.1. O que é dança de entretenimento?

O conceito de entretenimento pode ser discutido de diversas formas, no entanto, neste capítulo, vamos refletir sobre dois pontos de vista diferentes: o entretenimento como algo para promover diversão e lazer, necessários para o bem-estar e saúde mental das pessoas, e o entretenimento como parte de um sistema capitalista que pode gerar alienação. Esta última característica é bastante discutida quando se refere ao entretenimento proporcionado pelos meios de comunicação de massa, como a televisão, o jornal e a internet.

Quando se discute sobre entretenimento e meios de comunicação de massa, faz-se necessário trazer um pequeno recorte de outras áreas de conhecimento, como por exemplo a filosofia e a sociologia.

Os filósofos Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973) conceberam originalmente o termo de Indústria Cultural, o qual faz parte da corrente teórica da comunicação que a qual ficou conhecida como “Escola de Frankfurt” (Teoria Crítica).

O pensamento frankfurtiano caracteriza-se por um embasamento marxista na apreciação do homem e suas relações na sociedade. Aprofunda-se no estudo dos meios de comunicação de massa trazendo, talvez como um dos maiores benefícios, o conceito de Indústria Cultural. Neste, os bens culturais da humanidade são apropriados pelo capitalismo onde passam a operar como mais uma ferramenta de dominação social e desvalorização ou esvaziamento do conceito de arte. (CAMPOS. 2006. p. 2).

Sob o olhar de artista da dança, é possível estabelecer algumas reflexões sobre esta Teoria. O elemento que vamos refletir a seguir, que também é considerado pelos filósofos citados acima, é o público.

Na tentativa de compreender um pouco mais sobre a relação que o público estabelece com a dança no Brasil ao longo da história, foi preciso investigar os meios que este público, majoritariamente, teve acesso à dança até os dias de hoje.

A dissertação de mestrado “A ideia de dança como entretenimento veiculada pelos programas de auditório da televisão brasileira: compreendendo sua configuração” de Thalita de Cassia Reis Teodoro, da Universidade Federal da Bahia, foi um dos trabalhos que possibilitou um maior entendimento destas relações. Em sua pesquisa, a autora traz vários aspectos histórico-culturais sobre a inserção da dança no período inicial da televisão fazendo um recorte que investiga os programas de

auditório brasileiros como o Programa do Silvio Santos e o Domingão do Faustão. Assim, a autora propõe analisar as imagens da dança nos referidos programas. Um dos objetivos de sua pesquisa foi demonstrar como essa configuração acabou promovendo uma única ideia de dança conhecida pelo público.

Com a leitura da referida dissertação, é possível notar algumas convergências de características das danças as quais eram exibidas nesses programas e também em outros meios de comunicação de massa²⁴. Por exemplo, nota-se que desde o Teatro de Revista²⁵ até o surgimento desses programas televisivos, e ainda nos dias atuais, a presença da dança na mídia tendeu a aparecer na maioria das vezes como um elemento que fazia parte da composição do cenário, como um momento de passagem ou de descontração e pouquíssimas vezes como um elemento principal. Um grande exemplo que a autora cita são os grupos de bailarinas que fazem parte desses programas, em que recebem maior foco em passagens, intervalos e durante as apresentações de outros artistas convidados.

Ver mulheres com determinadas características, geralmente magras, brancas e sorridentes na TV e a dança tendo a tendência em aparecer nos meios de comunicação como um elemento o qual faz parte do cenário ou como uma passagem, tudo isso, pode acabar criando uma única ideia de dança para o espectador. Quando essas imagens são perpetuadas por muito tempo, criam-se os estereótipos, como por exemplo: ser necessário possuir um tipo de corpo específico para poder dançar, a dança ser uma atividade predominantemente realizada por mulheres, dançar ter que ser algo divertido ou promover diversão necessariamente.

Porém, importa ressaltar que, apesar da dança se manifestar em diversos ambientes e configurações, nosso argumento está embasado na televisão como veículo de comunicação que transmite com rapidez e amplitude a dança que veicula, além de ser capaz de criar, difundir, estabilizar e impor modelos de ideias, neste caso, um modelo de dança que é predominante. (TEODORO, 2009, p.15)

²⁴ Meios de comunicação de massa: são aqueles que possibilitam a difusão da informação a grandes contingentes de pessoas, por isso o nome comunicação em massa. Nesse grupo estão o rádio, a televisão e os sites de notícias.

Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/meios-de-comunicacao>

²⁵ Teatro de Revista: O teatro de revista tornou-se um gênero popular no Brasil a partir do final do século XIX. Pode-se então caracterizar o teatro de revista como um veículo de difusão de modos e costumes, como um retrato sociológico, ou como um estimulador de riso e alegria através de falas irônicas e de duplo sentido, canções "apimentadas" e hinos picarescos. Site: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/Bilontra/trevista.htm>

Essas ideias de modelos de dança ou pré-requisitos para se poder dançar, acabaram se perpetuando até os dias de hoje.

Quando ideias passam a ser replicadas de geração a geração, podemos dizer que este fenômeno se dá por meio de um processo memético²⁶. Teodoro cita Christine Greiner, em “O Corpo: Pistas para Estudos Indisciplinares”, que define meme como “a menor unidade de replicação da cultura” (GREINER apud TEODORO, 2009, p. 47). A definição de meme é interessante pois nos faz perceber e ter maior entendimento sobre o senso comum. E notar o senso comum é um dos caminhos para questionar, não só essas ideias de dança perpetuadas, como o estereótipo da mulher esbelta, bonita e feliz que se apresentava nestes programas televisivos, mas como muitas outras ideias.

Apesar desta dissertação ser do ano de 2009, ou seja, anteriormente ao crescimento exponencial das redes sociais e dos aplicativos que estão sendo utilizados, foi possível relacionar com o presente tema de pesquisa, pois acredito que este cenário, da predominância de visibilidade das danças de entretenimento, se encontra ainda maior e intenso hoje em dia.

Seja o Teatro de Revista, a televisão ou o aplicativo *TikTok*, não importa o meio qual for, se a maior preocupação daquele veículo for chamar a atenção do público e entreter, as características daquele conteúdo que está sendo entregue ao público, corresponderá aos gostos daquele público, o qual faz parte de uma sociedade heteronormativa com questões machistas e preconceituosas, de maneira geral. Uma vez que os veículos de comunicação têm a percepção de quais assuntos ou temas conseguem obter maior acesso e visualização pelo público, esses tipos de conteúdo serão cada vez mais produzidos, com o objetivo de ganhar essa visibilidade e obter dinheiro, sejam esses conteúdos de boa ou má qualidade.

Portanto, a partir desta visibilidade e lucro obtido pela mídia por conta desses conteúdos, é possível questionar e refletir sobre essas imagens trazidas por eles. *Stuart Hall*, teórico cultural e sociólogo, na obra “Cultura e Representação”, fala sobre como as imagens presentes ao nosso entorno nos ajudam a entender o mundo o qual

²⁶ Memético: “É a Memética que se dedica na perspectiva darwiniana, a estudar os modelos de transferência da informação” (BITTENCOURT apud TEODORO, 2009, p. 47).

estamos inseridos e sobre o efeito das mídias nas sociedades contemporâneas, como conceito central a representação.

Stuart Hall obtinha destaque acadêmico se perguntando como as imagens que vemos constantemente à nossa volta nos ajudam a entender como funciona o mundo em que vivemos, como essas imagens apresentam realidades, valores, identidades, e o que podem acarretar, isto é incluído e quem é excluído. (MIRANDA, D. OLIVEIRA, W. 2016. p.10)

Assim, é uma possibilidade considerar que a mídia e, principalmente, o que o público consome dela pode ter relações com seus valores, preconceitos, identificações, entre outras características.

Este cenário me faz refletir sobre inúmeras questões. Sendo uma mulher que também sofre com o machismo e seus impactos, questiono minhas reais vontades como artista da dança em trabalhar nesses meios. E também entrei em conflitos internos de julgamento em relação a outros artistas que acabaram indo para este mercado de trabalho, após me aprofundar na reflexão destas questões dentro da universidade. No entanto, ainda acredito que como uma artista graduada e que tem a intenção de continuar estudando academicamente, fazendo e dando aulas, portanto estudando a dança com responsabilidade e dando sua devida importância, posso transmitir conhecimentos para o público. E uma das formas de conseguir alcançar mais pessoas é ocupando um lugar dentro destas mídias. Por isso, apesar de inúmeras questões e dificuldades, valorizo e almejo a visibilidade que estes meios de comunicação possibilitam.

Além disso, como artista, acredito também que não nos cabe julgar uns aos outros de maneira pejorativa, pois sendo uma artista mais ligada a este mercado de trabalho, sei que muitos outros artistas, aliás infelizmente a sua maioria, não tem a oportunidade ou podem se dar a chance de entrar em uma universidade pela necessidade de começar a trabalhar e pagar as contas.

Tais questões semelhantes são citadas na dissertação de Teodoro:

Várias bailarinas do Municipal apresentavam-se nos cassinos da cidade, porque nestes era possível receber bons salários. Dentre elas, destacaram-se Madeleine Rosay, Leda Iuqui, Lourdinha Bittencourt, Helga Loreida. De acordo com Pereira (2003), esta última relatou em entrevista que seu salário era cem vezes maior nos cassinos que o salário que recebia no Municipal. Pereira ainda comenta que, em 1945, foi estabelecida uma cláusula no contrato dos bailarinos, a qual os proibia de dançar nesses eventos. (TEODORO, 2009, p. 35)

Esta realidade se encontra na vida de muitos artistas da dança, principalmente aqueles que estudam danças que não estão presentes na universidade, como danças relacionadas à cultura *Hip Hop*.

3.2. O fenômeno do *TikTok*

Um fenômeno recente o qual vem chamando atenção nos últimos anos é a popularidade que o aplicativo *TikTok* vem ganhando nos últimos anos. O aplicativo se caracteriza por ser uma plataforma de criação de vídeos curtos, os quais variam seu tempo de duração 15 segundos, 1 ou 3 minutos. No aplicativo é possível encontrar vídeos que se encaixam em nichos diversos, como humor, esporte, maquiagem e inclusive dança.

No aplicativo, o nicho da dança começou a chamar muito atenção dos artistas de modo geral, mas principalmente dos artistas que estudam *Hip Hop*, *Jazz Funk*, entre outros. As “danças do *TikTok*” se caracterizam por serem pequenas sequências de passos, que se encaixam dentro dessa pequena duração de tempo proposta pelo aplicativo, com passos aparentemente “simples”. A rapidez de produzir um vídeo e a facilidade de reprodução dessas danças são características que possibilitaram que muitas pessoas se desafiem a dançar e reproduzir esses passos. Dessa forma, as conhecidas “dancinhas” se tornaram extremamente populares no mundo todo, principalmente por crianças e adolescentes. E além disso, também começaram a proporcionar um número de curtidas muito alto e muitas visualizações, o que transformou a vida de muitas pessoas, tornando-as famosas e até sendo consideradas *digitais influencers*²⁷.

Esse fenômeno das dancinhas trouxe muitas consequências para a dança e artistas da dança. A revista *Rolling Stone*²⁸ publicou uma matéria²⁹ com o intuito de refletir sobre o impacto do *TikTok* e dos *dance challenges*³⁰, convidando três artistas

²⁷ Digital Influencer: influenciador digital é um indivíduo que possui um público fiel e engajado em seus canais online e, em alguma medida, exerce capacidade de influência na tomada de decisão de compra de seus seguidores. Fonte: <https://www.influency.me/blog/influenciador-digital/#:~:text=Influenciador%20digital%20%C3%A9%20um%20indiv%20%C3%ADduo,de%20compra%20de%20seus%20seguidores.>

²⁸ Revista *Rolling Stone*: Revista americana a qual traz assuntos sobre Música, Entretenimento, Cultura e Política. Site: <https://rollingstone.uol.com.br/>

²⁹ Matéria da Revista *Rolling Stone* “O Hip-Hop no *TikTok*: expansão da dança ou desvalorização do profissional?” Fonte e link de acesso: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/o-hip-hop-no-tiktok-expansao-da-danca-ou-desvalorizacao-do-profissional-entrevista/>

³⁰ Dance challenges: desafios de dança populares nas redes sociais.

da dança: Caco Aniceto³¹, Flávia Lima³² e Jeyke³³, com o título “O Hip-Hop no TikTok: expansão da dança ou desvalorização do profissional?”.

A leitura das entrevistas com os artistas para esta matéria mostra diversos pontos de vista, negativos e positivos.

Na matéria Flávia Lima, coreógrafa, dançarina da Gloria Groove e também convidada para participar desta pesquisa, relata na entrevista para a Revista *Rolling Stone*.

As redes sociais são uma porta muito grande para o mercado de trabalho, querendo ou não, elas viraram o portfólio. Há alguns anos, precisávamos levar o currículo nas escolas para dar aula, nos balés. Muitas pessoas ainda enviam, mas o meio mais rápido de conhecer pessoas são as redes sociais. (LIMA, 2021, s.n.).

Apesar de servir como um portfólio, assim como explica a artista, e também de ter se tornado um meio de divulgação de trabalhos, também existem contrapontos. A maioria dos vídeos com estas danças que acabam ganhando visibilidade dentro do aplicativo e outras redes sociais não são produzidos por artistas da dança. Isso significa que muitas pessoas que conseguem se tornar conhecidos no aplicativo não estudam dança de fato e assim, não conhecem os contextos dos passos de dança, muitos de origem de danças negras, como o *Hip Hop Dance*, o que acaba contribuindo para o apagamento das culturas relacionadas a essas danças. Além disso, essas circunstâncias podem acabar incentivando uma espécie de sentimento de competição entre amadores e profissionais da dança.

Ainda na entrevista para a revista, o coreógrafo Caco Aniceto reflete acrescentando:

Uma pessoa que juntou 5 passos fáceis para qualquer um conseguir fazer já começa a se chamar de coreógrafa e ter uma autoridade porque ela tem números. E números, hoje em dia, é dinheiro também. Quem estudou 20, 30 anos para fazer aquilo perde a autoridade. (ANICETO, 2021, s.n.).

³¹ Caco Aniceto: dançarino dos cantores Glória Groove e Vitão, coreógrafo e professor. Informações retiradas do instagram do artista @cacoaniceto

³² Flávia Lima: coreógrafa, dançarina e professora na escola Dept Cult e Galpão. Trabalha com a cantora Glória Groove. Diretora da SW Company. Informações retiradas do instagram da artista @_flaalima

³³ Jeyke: Dançarino e conhecido nas redes sociais TikTok, Twitter e Instagram. Informações tiradas do instagram do artista @jeyke e do site: <https://pt.famousbirthdays.com/people/jeyke.html>

Esse fenômeno entre as redes sociais e a dança, e suas consequências para os artistas, está sendo importante pois fomentou discussões e acabou trazendo maior atenção do público para isso. Inclusive, não somente do público, mas também de cantores, demais artistas do mundo da música.

O cantor faz uma música pensando em quem vai dançar. Como mercado, precisamos organizar para os números serem convertidos em dinheiro, mas o saldo é positivo. A galera da música está começando a pensar com mais carinho nos profissionais. Quando eu falo carinho, eu falo dinheiro. (ANICETO, 2021, s.n.).

Anteriormente à ascensão do *TikTok*, já existiam os *dances challenges*, os desafios de dança com coreografias para músicas específicas com o objetivo de promover o trabalho de cantores. O aplicativo só tornou esses desafios ainda mais populares. Esses desafios são incentivados pelos próprios cantores para que os fãs façam essas coreografias e marquem a *hashtag*³⁴ com o título da música lançada. Inclusive, tal prática é uma entre as várias estratégias de *marketing digital*³⁵.

Apesar de ser muito positivo que finalmente após anos no Brasil, o público e os artistas da música estão dando mais atenção para essas discussões em torno da valorização dos artistas da dança, que trabalham neste meio, ainda existe muitos caminhos ainda a serem percorridos pois apesar destes desafios ajudarem a promover os cantores e popularizarem suas músicas, existe o mesmo retorno para os profissionais da dança?

Como uma artista da dança que tem interesse em trabalhar neste mercado de trabalho, por conhecer muitos outros artistas do meio, sei que a resposta para esta pergunta infelizmente é negativa. Inclusive, durante o período para escrita deste trabalho me deparei com vários dançarinos do meio relatando nas redes sociais sobre o evento *MTV MIAW*.

O *MTV Millennial Awards*, também conhecido como *MTV MIAW*, é uma premiação criada pelo *MTV* Latinoamérica, é uma premiação que envolve as áreas da música,

³⁴ Hashtag é uma expressão bastante comum entre os usuários das redes sociais, na internet. Consiste de uma palavra-chave antecedida pelo símbolo #, conhecido popularmente no Brasil por "jogo da velha" ou "quadrado". Fonte: <https://www.significados.com.br/hashtag/#:~:text=Hashtag%20%C3%A9%20uma%20express%C3%A3o%20bastante,velha%22%20ou%20%22quadrado%22>

³⁵ Marketing Digital é o conjunto de atividades que uma empresa (ou pessoa) executa online com o objetivo de atrair novos negócios, criar relacionamentos e desenvolver uma identidade de marca. Dentre as suas principais estratégias estão o SEO, Inbound Marketing e o Marketing de Conteúdo. Fonte: <https://rockcontent.com/br/blog/marketing-digital/>

dos filmes e do mundo digital. Uma das categorias do ano de 2021 da premiação foi a “Coreô Envolvente”, em que Pablo Vittar e a cantora Pocah foram premiadas com a coreografia da música “Bandida”. No entanto, apesar de terem sido reconhecidas como ganhadoras do prêmio, na verdade a coreografia premiada não foi realizada pelas cantoras e sim pelo coreógrafo Flávio Verne³⁶, o qual também já trabalhou com a cantora Luísa Sonza. Além disso, Flávio Verne estuda dança desde seus 11 anos, fez vários cursos de Hip Hop, tem passagens por companhias de dança, estudou na Broadway Dance Center, em Nova York, e inclusive é formado em Licenciatura em Dança. Portanto, seria nada mais do que justo receber o mérito com seu nome na premiação.

Essa situação é apenas uma das várias situações que os artistas da dança deste meio relatam. E como uma artista que já teve algumas pequenas experiências neste mercado, posso afirmar sim tal desvalorização como os cachês baixíssimos em trabalhos de dança em videoclipes.

CAPÍTULO 4: ENTREVISTAS

Como forma de coleta de dados e com o intuito de ouvir o que os profissionais têm a dizer sobre o tema de pesquisa, o trabalho contou com a realização de entrevistas com profissionais da área da dança com as seguintes características: professores que estudam o *Hip Hop Dance* e já possuem um determinado tempo de experiência docente. Assim, foram convidados os professores e artistas da dança, Igor Gasparini, professor, dançarino, pesquisador formado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Educação Física e Saúde pela Universidade de São Paulo, mestre em Comunicação, e Flávia Lima, professora, dançarina e diretora coreográfica da cantora Gloria Groove. Além disso, também foram convidados dois alunos de cada professor. Desta maneira, os participantes foram divididos em dois grupos, A e B, composto por um dos professores e seus alunos.

O método de escolha dos entrevistados da pesquisa foi a diferença de área de atuação de ambos profissionais, com o objetivo de entrar em contato com suas

³⁶ Flávio Verne. Informações retiradas do site: <https://siterg.uol.com.br/cultura/2020/04/16/conheca-flavio-verne-responsavel-por-coreografias-de-pablo-vittar-e-luisa-sonza/>

diferentes visões e experiências. Além disso, ambos os profissionais fizeram parte da minha trajetória como artista.

As duas entrevistas foram realizadas por meio de encontros virtuais, em dias separados, através da plataforma de videoconferência *Google Meet*. Também é válido ressaltar que os registros das entrevistas não foram colocados neste trabalho em sua íntegra pelo motivo de terem sido muito longas. Portanto, foram registradas as falas consideradas mais relevantes para análise e reflexão.

4.1. Entrevista com Grupo A: Flávia Lima

O Grupo A foi composto pela artista da dança Flávia Lima e dois de seus alunos.

Bruna Pinheiro: Com qual intuito você utiliza as redes sociais?

Flávia Lima: Eu percebi que as redes sociais começaram a servir como um portfólio, facilitando conhecer meu trabalho por meio delas. É algo de divulgação pessoal. Esta visibilidade possui dois lados extremos: uma valorização excessiva ou uma completa desvalorização. Além disso, as redes sociais se mostraram um meio de sustento, possibilitando continuar dando aulas neste momento de pandemia.

Bruna Pinheiro: As redes sociais foram um dos caminhos que levaram você a trabalhar com a cantora Gloria Groove?

Flávia Lima: Uma amiga que conhecia a Gloria me indicou. Assim, ela começou a me seguir no Instagram e me chamou para uma reunião. Na reunião eu levei um portfólio mas ela respondeu que já tinha visto meu trabalho por conta das redes sociais e eu já estava dentro.

Bruna Pinheiro: É verdade ou não: TikTokers estão “pegando o lugar” de bailarinos profissionais nos trabalhos hoje em dia?

Flávia Lima: Infelizmente isso é verdade. O aplicativo abriu a possibilidade de dançar para mais pessoas mas isso não quer dizer que todas as pessoas que criam ou reproduzem essas danças no aplicativo são profissionais da dança. Se auto intitulam como bailarinos profissionais e até mesmo como coreógrafos sem ter formação. Ser

coreógrafo é estudar movimentações, ângulos, espaço... É estudar além da dança, desempenhando várias funções. Para a produção de um videoclipe, por exemplo, o coreógrafo deve pensar no corpo do balé, no corpo do artista, ajudar o diretor no enquadramento de câmeras... No videoclipe da Gloria “Queda” eu tive que estudar muito para chegar naquele resultado, “Bonekinha” também. Quando as marcas priorizam contratar pessoas pelo número de seguidores e não por sua formação estão prejudicando nós artistas da dança.

Bruna Pinheiro: Em comparação a anos atrás, você nota alguma mudança de comportamento dos alunos devido a intensificação do uso das redes sociais?

Flávia Lima: Noto que os alunos buscam resultados imediatos. Todos têm muita pressa em serem reconhecidos como se existisse uma fórmula mágica. Só que isso não existe. É estudo. Muitas pessoas que me veem dançando com a Gloria Groove, esquecem que eu percorri um longo caminho antes de conseguir essa oportunidade.

Bruna Pinheiro: Para fechar Flávia, última pergunta: Você acha que hoje em dia as pessoas estão dançando mais por conta da maior utilização das redes sociais, como o TikTok?

Flávia Lima: Sim, eu consigo ver mais gente dançando, de todas idades e classes sociais. O TikTok estimulou muitas pessoas a procurarem academias e aulas de dança. Por exemplo, os challenges desafiam as pessoas a dançar e se arriscarem mais. Eu acredito que a dança pode ser um lugar de libertação e que pode melhorar a autoestima ou também promover divertimento.

4.2. Entrevista com Grupo B: Igor Gasparini

O Grupo B foi composto pelo artista da dança Igor Gasparini e dois de seus alunos.

Bruna Pinheiro: Com qual intuito você utiliza as redes sociais?

Igor Gasparini: Eu administro duas contas no Instagram, a minha conta pessoal e da companhia de dança. Entretanto em nenhuma delas crio conteúdo, apenas utilizo como forma de divulgação.

Eu sinto que se você não tiver uma rede social é como se você não existisse. Meu trabalho não dura 15 segundos e minha pesquisa de 1 ano tem um tempo de amadurecimento. Quando se posta algo nas redes sociais é como se aquilo automaticamente já se tornasse antigo e descartável. Isso é uma lógica capitalista neoliberal que sempre busca algo novo visando ganhar dinheiro e ser melhor que a concorrência, e eu não acredito na arte nesse lugar.

Bruna Pinheiro: Em sua opinião, é possível aprender a conviver de uma maneira mais saudável com as redes sociais? Principalmente, nós artistas da dança?

Igor Gasparini: *É um movimento que não tem volta. Então acredito que as pessoas devem aprender a gerenciar melhor o seu tempo. De 24 horas do meu dia, quantas horas eu vou dedicar para meu entretenimento? Além disso, tudo isso tem uma influência psicológica também. Menos likes deixam as pessoas tristes, aumentam os índices de suicídio por conta do bullying virtual e o cancelamento na internet.*

No TikTok me incomoda muito também questões relacionadas ao corpo. Se você tiver determinadas características, automaticamente você tem mais chances de conseguir engajamento e visibilidade nas redes.

Bruna Pinheiro: Você acredita que hoje em dia as pessoas estão dançando mais por conta desses aplicativos, como o TikTok, por exemplo?

Igor Gasparini: *Eu não sei se as pessoas estão dançando mais hoje em dia. Na história do Hip Hop, em meados dos anos 70 nos shows de James Brown e Aretha Franklin, também existiam muitas pessoas dançando. Hoje parece que as pessoas estão dançando mais porque existem mais pessoas postando aquilo que se faz. E ainda sim pergunto: qual dança? Porque existem várias danças! A dança cênica, as danças sociais, a dança com ligação com o ritual, a dança comercial nas redes e entre outras.*

Bruna Pinheiro: Você consegue perceber mudanças nos alunos em comparação a anos atrás antes desse crescimento exponencial das redes sociais?

Igor Gasparini: *Eu vejo que os adolescentes possuem semelhanças como por exemplo dificuldades de se expressar e inseguranças. Mas o que eu tenho sentido é que muitas pessoas procuram fazer aula para qualificar aquilo que já fazem nas redes. Recebi uma aula de 10 anos na turma de Urbanas Kids, que gravava muitos vídeos*

para a internet. No entanto, durante as aulas notei que ela tinha muitas dificuldades de direções mas não parava de se olhar no espelho “sensualizando”. E muitos desses alunos não conseguem acompanhar uma aula de nível iniciante. Então as redes sociais apenas mostram um recorte. E as outras habilidades como lateralidade e consciência corporal?

Gasparini ainda trouxe o questionamento em relação ao uso extremo dessas redes sociais e como isso afeta esta nova forma de viver e de receber a arte. *“Será que hoje em dia conseguiríamos ver um filme preto e branco europeu de milhares de horas? Talvez não, mas quer dizer que esse filme não tem qualidade? Estamos começando a ter dificuldades de ler um livro. Tudo isso acaba tendo menos interação. E aos poucos, podemos ir perdendo essas relações.”*

Bruna Pinheiro: Até uma dança contemporânea, com estudos mais específicos, com uma poética, pode existir um nível de entretenimento em fazer esta dança?

Igor Gasparini: *É uma pergunta complexa para o tempo que temos de entrevista. Eu sugiro ler o meu mestrado “O corpo e o jornalismo cultural nos processos de mediação com o espectador”. Neste trabalho trago questões entre arte e entretenimento.*

A pessoa que vai ao teatro vai esperando uma dança comercial, uma narrativa de novela e quando esta se depara com algo que não espera, não sabe como lidar com isso. Assim a pessoa sai frustrada e acha que aquilo não é dança. A arte é feita para você gostar, necessariamente. Já no entretenimento sim. Mas a culpa é do público? Não, é dessa construção social da nossa cultura e educação. Não é sobre falar isso é arte ou não, mas de levantar essas questões. O espectador vai com uma ideia de consumo e na maior parte das vezes, principalmente na dança contemporânea, isso não acontece e a pessoa se frustra. As pessoas estão acostumadas com um tipo de comunicação, como o espectador do TikTok que espera uma dança de 15 segundos. A experiência não necessariamente propõe uma experiência de entretenimento

4.3. Sobre os relatos dos alunos dos grupos A e B

Apesar de existir uma divergência de olhares e opiniões entre os artistas da dança entrevistados, as duplas de alunos, dos grupos A e B, tiveram opiniões

semelhantes. Praticamente todos eles, alunos de Flávia Lima e de Igor Gasparini, concordam sobre a importância da utilização das redes sociais, principalmente do *Instagram* e do *TikTok*, para conseguir trabalhos e entrar em projetos.

“Uso o Instagram para criar conteúdo porque ele é praticamente um currículo, hoje em dia. É como se fosse uma obrigação.”

O *Instagram* acaba desempenhando o papel de uma forma de portfólio, o que facilita as empresas conhecerem o artista com maior rapidez. No entanto, admitem que se sentem obrigados a publicarem nessas redes sociais, o que acaba sendo cansativo, principalmente para àqueles artistas menos adeptos a essas mídias. Alguns alunos relataram que perderam oportunidades de trabalho pois não tinham o aplicativo *TikTok*.

“Não gosto muito de internet, não uso o TikTok. Pensei que a minha dança seria o suficiente. Quando a moça que estava em contato comigo viu que eu não tinha o aplicativo, me tiraram do job. E desde o início eles deixaram bem explícito que queriam dançarinos e não TikTokers.”

Além disso, tanto os alunos, como os professores, relataram que infelizmente, muitas marcas e empresas preferem contratar pessoas para dançar dando preferência àqueles que possuem maior número de seguidores e curtidas ao invés de priorizar a contratação de um dançarino ou coreógrafo.

Os alunos também concordam em relação ao padrão de corpos que acabam ganhando mais visibilidade nessas redes sociais: corpos brancos, magros e sem deficiência. E acrescentam que algumas danças parecem ganhar mais visibilidade em relação a outras e que cada vez mais, parece que as pessoas querem assistir conteúdos mais curtos, inclusive os de dança.

“Você consome muita informação de forma mais rápida... O tempo está ficando cada vez mais curto.”

Na aplicação do questionário aberto, quando foi questionado ao público *“Você acredita que as redes sociais possam afetar a área da dança?”*, a resposta foi afirmativa e unânime (100%). E dos 100%, 75% do público acredita que existem impactos tanto positivos, quanto negativos, nas formas que as redes sociais podem afetar a dança. Assim, a partir do momento que podemos concluir que a intensificação do uso das redes sociais afetam nossa área de atuação e que a utilização delas continuará futuramente, cabe a nós artistas aprendermos e investigarmos maneiras

de continuar sobrevivendo, nos reinventando e discutindo sobre como lidar com essas mudanças, entre nós e dentro da sala de aula. Estas medidas se mostram mais interessantes ao invés de ignorar esses fenômenos.

Como já exposto pela pesquisa, a maioria do público participante do trabalho (60,2%) acredita que é possível aprender a dançar exclusivamente por meio das redes sociais, *Instagram*, *TikTok* e *YouTube* e 38% não acreditam que se possa aprender a dançar apenas por estas redes mas admitem que elas podem despertar a vontade de uma pessoa aprender a dançar.

Pensando que a maioria do público participante são pessoas que não são profissionais da dança (66,9%), é interessante a interpretação destes dados pois possibilitam a percepção da visão das pessoas em relação à dança, de um ponto de vista externo. Saber como estas pessoas estão interpretando e recebendo a dança nos dias atuais é importante pois nos faz entender um pouco mais sobre o cenário atual que nos encontramos e pensar nas relações que estão sendo estabelecidas entre nós artistas da dança e o público.

A partir da aplicação do questionário, por exemplo, é possível notar que alguns estereótipos sobre ideais de dança, continuam sendo perpetuados e ainda existe uma predominância da visibilidade e presença de tipos de corpos específicos dentro das mídias, como jovens, brancos, sem deficiência, entre outras características dentro de um padrão considerado "ideal" estabelecido por um senso-comum da sociedade. E além disso, também é possível notar como as curtidas, visualizações e repercussões na mídia em relação a uma obra ou coreografia confundem-se com conceitos de qualidade ou importância de um profissional ou dança, aos olhos do público.

Por mais que seja importante a autenticidade do artista, acredito que a opinião do público seja importante uma vez que é ele que procurará aulas de dança, que procurará assistir nossos trabalhos e apresentações. A opinião do público não é o mais importante, mas ela também tem sua importância uma vez que estamos inseridos em um sistema capitalista onde, querendo ou não, existe uma relação entre arte e consumo.

Ainda não existem tantos estudos específicos sobre o tema da presente pesquisa na área da dança. Como já discutido no trabalho, outro fato que contribui para a falta de bibliografia sobre os assuntos abordados são os *tabus* dentro do ambiente acadêmico. Infelizmente, foram encontrados muitos artigos com certo tom de preconceito em relação a este tema.

A escassez de bibliografia na área da dança, me levou a buscar estudos em outras áreas de conhecimento, como os Estudos Culturais e conhecer outros autores como Stuart Hall, teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano. Essas leituras despertaram a curiosidade para continuar pesquisando sobre o assunto, principalmente sobre questões de hierarquia de conhecimentos, de arte e cultura que muitas vezes são estabelecidos, principalmente, dentro da universidade.

A escolha dos participantes entrevistados, Igor Gasparini e Flávia Lima, foi planejada. Como o objetivo do trabalho foi mostrar várias perspectivas e possuiu um caráter investigativo a partir de inquietações pessoais artísticas, a escolha foi pensada na divergência de atuação de ambos artistas convidados. Gasparini traz um olhar mais crítico de todo um sistema, possui vivências de pesquisa acadêmica. Já Lima, traz suas experiências atuando a muito tempo em um mercado específico. Ambos são artistas que pesquisam a cultura do *Hip Hop* e ambos possuem opiniões válidas e enriquecedoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma artista da dança que teve a oportunidade de entrar em contato com experiências tão diversas durante a graduação, e me identificando com várias facetas e formas de se pensar dança, para mim é muito enriquecedor finalizar um curso de graduação podendo trazer uma panorama geral de todas minhas experiências com a dança e perceber as vantagens que essa diversidade me proporcionou como artista. Hoje finalizo o curso percebendo que características que antes me faziam ficar confusa, na verdade, se tornaram um diferencial como artista. E não me refiro somente a riqueza de diversidade de pensamentos que entrei em contato, mas ter a qualidade de ter uma mente aberta, sempre disposta a aprender. A finalização deste trabalho significa apenas o começo de uma grande pesquisa que eu descobri que tenho grande interesse para toda a minha vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA NETO, A. DANÇA: relações entre política e poder. Salvador. 2015. **Revista Dança UFBA. Programa de Pós-Graduação em Dança.** Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/14570>. Acesso: 23 de Janeiro de 2017.

ALMEIDA NETO, A. O corpomídia na dança: educação e contemporaneidade. **IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil "Educação e Contemporaneidade"**. Aracaju. 2015. Disponível em: https://anais.educonse.com.br/2015/o_corpomidia_na_danca_educacao_e_contemporaneidade.pdf. Acesso: 27 de Abril de 2021.

BESERRA, N. A. Aprendizagem virtual em dança contemporânea: um olhar para a perspectiva discente. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança). Instituto de Artes. Departamento de Artes Corporais, Universidade Estadual de Campinas. 2020.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação** nº192. Espanha. 002.

BRAGA, A. Corpo, mídia e cultura. **Razón y Palabra**. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199520330062>. Acesso: 22 de Novembro de 2021.

CAMPOS, R. Indústria Cultural e Cultura da Mídia: Produção e Distribuição do Entretenimento na Sociedade Global. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília. 2006.

CHIES, L. REBS, R. Pandemia e as motivações sociais para a produção de ciberdanças no TikTok. **Revista da Fundarte**. Poéticas do Isolamento: experiências em arte e educação em tempos de pandemia. Rio Grande do Sul. 2021.

COAN, E. I. O domínio do entretenimento na contemporaneidade. **Revista Ação Midiática**. Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, v. 2, p. 1-16. Paraná. 2012.

ESCOSTEGUY, C. A. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Rio Grande do Sul. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1998.9.3014> Acesso: 10 de Abril de 2008.

FERREIRA, M. Ensino de dança e novas tecnologias: existe uma fronteira. **Diálogos Possíveis (FSBA)**, Salvador, v. 2, n.fev/ago, p. 297-303, 2003.

FIALHO, J. Pressupostos para a construção de uma sociologia das redes sociais. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol XXIX. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARINI, I. O corpo e o jornalismo cultural nos processos de mediação com o espectador. São Paulo, 2015. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GUARATO, R. Dança e os meios de comunicação de massa. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 27, p. 005-020, 2016. DOI: 10.5965/1414573102272016005. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/8704>. Acesso em: 24 Novembro de 2021.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro. Editora Apicuri. 2016.

MARQUES, I. A. Corpo, dança e educação contemporânea. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 70–78, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644138>. Acesso em: 16 de Junho de 2021.

MARQUES, I. A. O corpo nas vozes e nas danças das culturas jovens. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 7, n. 3, p. 5–16, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644210>. Acesso em: 16 de Junho de 2021.

MILLER, J.; MILLER LASZLO, C. Corpos em conexão, corpos em presença. **Manzuá: Revista de Pesquisa em Artes Cênicas**, v. 3, n. 2, p. 95-116, 10 jan. 2021.

MOTTA, A. Dança e mídia: repercussões em sala de aula. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

LIMA, F. ANICETO, C. O Hip-Hop no TikTok: expansão da dança ou desvalorização do profissional? Entrevista concedida para Camilla Milan. **Revista Rolling Stone**. Disponível no site: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/o-hip-hop-no-tiktok-expansao-da-danca-ou-desvalorizacao-do-profissional-entrevista/>. Publicado em 20/03/2021.

PAIVA, S. C. **Viva o Rebolado! Vida e Morte do Teatro de Revista Brasileiro**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991.

- PENHA, A. L. SANTOS, C. O. FREITAS, T. C. Presença da tecnologia no ensino de dança ontem, hoje, amanhã: dos recursos para criação à inclusão social em diferentes aspectos. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança). Instituto de Artes. Departamento de Artes Corporais, Universidade Estadual de Campinas. 2019.
- SBORQUIA, S. GALLARDO, J. As danças na mídia e as danças na escola. **Revista Brasileira Ciência Esporte**, Campinas, 2002.
- TERRA, A. Onde se produz o artista da dança? In: TOMAZZONI, A., WOSNIAK, C. & MARINHO, N. **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2009.
- TEODORO, T. A ideia de dança como entretenimento veiculada pelos programas de auditório da televisão brasileira: compreendendo sua configuração. Dissertação de Mestrado em Dança. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.
- TOMAZZONI, Airton. Lições de dança no baile da pós-modernidade: corpos (des)governados na mídia. Porto Alegre, 2009. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- YANG, S. ZHAO, Y. MA, Y. Analysis of the Reasons and Development of Short Video Application—— Taking Tik Tok as an Example. **Semantic Scholar**. School of Business Xijing University Xi'an, China. 2019. 9th International Conference on Information and Social Science (ICISS 2019).
- ZUO, H. WANG, T. Analysis of Tik Tok User Behavior from the Perspective of Popular Culture. **Francis-Press**. School of Humanities, Tianjin Polytechnic University, Tianjin, 300387. China, 2019.